

Antes de começarmos...

Vivemos tempos extraordinários e no meio de mudanças incríveis muito maiores do que a maioria possa imaginar. Existe uma transformação vibracional, uma consciência dos reinos desconhecidos para além da visão humana que está a arrelhar abertamente as mentes fechadas das pessoas.

Está a despertar os que estão prontos para emergir do transe que os prende à servidão da Mão oculta que manipula através das sombras - aqueles que apenas parecem estar no poder. O objectivo das Pessoas das Sombras é um estado global "Orwelliano" de total controlo e conformidade com a sua ditadura draconiana; um lugar onde se perdeu a liberdade em todas as suas formas em prol da vigilância em formato "micro-chip", de todas as nossas acções, palavras e até pensamentos. Tenho alertado para esta situação há tanto tempo e já me deparei com tanta ridicularização, mas hoje em dia, o riso é uma reacção rara, já que as provas falam a linguagem da vida e experiência quotidianas.

O despertar vibracional e os sempre unidos extremos do controlo e imposição governamentais, combinaram-se para abrir os olhos a um enorme número de pessoas, para a realidade de que algo não está bem. Mas o que é?

No primeiro filme da trilogia "Matrix", a personagem Morpheus diz a Neo, o investigador incessante:

"O que sabes, sentes mas não consegues explicar. Toda a tua vida tens sentido que há algo de errado no mundo. Não sabes o que é, mas está lá, como uma lasca na tua mente, que te deixa louco".

Sei exactamente o que sente, ou não estaria a ler este livro com o propósito de responder a questões que o "deixam louco" - Quem sou? Onde estou? Porque é assim o mundo?

Foi nos anos 80 que comecei a minha viagem (consciente) em busca de respostas. Levou-me a mais de quarenta países e guiou-me ao conhecimento, "ancestral" e "moderno", que me mostrou quantas peças do puzzle combinam.

Apenas se consegue ver a imagem, quando todos os pontos estão unidos e, neste livro, utilizei duas décadas de pesquisa e experiência para explicar porque é que algo não está bem. Como sempre, é um trabalho progressivo, mas faz com que se dê um grande salto na estrada que leva ao conhecimento da condição humana e de como podemos alterá-la. O escritor Michael Ellner disse e correctamente:

Olhem para nós. Está tudo do avesso, de pernas para o ar. Os doutores destróiem a saúde, os advogados, a justiça, as universidades, o conhecimento, os governos, a liberdade, a grande imprensa, a informação e as religiões, a espiritualidade.

Foi assim projectado, não foi acidental... como eu explicarei enquanto os pontos se vão unindo.

CAPÍTULO 1

Então Quem Somos?

O verdadeiro valor do ser humano pode ser encontrado no nível em que alcançou a libertação do seu próprio ser.

Albert Einstein

Contem-me anedotas, enquanto eu constato o óbvio... perdemo-nos porque não sabemos onde estamos. Claro, simples. Perdemo-nos porque não temos informações que nos digam onde estamos e, sem essas informações, não conseguimos encontrar o caminho de casa. Igualmente óbvio.

Como é que podemos chegar a algum lado se logo à partida não sabemos onde estamos?

Tudo isto pode ser básico, mas o que está à nossa frente não está sempre na nossa mente. Como diz o ditado: Se queres esconder algo, coloca-o à vista de todos. O que eu acabo de descrever é precisamente a situação da "raça humana". Estamos perdidos porque (a) não sabemos onde estamos e (b) não temos acesso às informações necessárias que nos dizem onde estamos. De facto, no nosso caso, ainda vai mais longe. Nem sabemos *quem* somos e *onde* fomos deixados. Como escreveu John Lennon: "Como posso seguir em frente quando não sei que caminho enfrentarei? Como posso seguir em frente, se não sei para onde virar?". Sem estas coordenadas – quem somos e onde estamos – como é que pode fazer sentido o que vemos e vivemos? Não pode. Então, tentamos adivinhar (muitas vezes descontroladamente) e estes palpites são denominados por religião e teorias científicas. Falamos em "palpites educados", baseados na melhor informação disponível que temos, mas e se essa informação, expressada através da religião e da ciência, foi danificada e ainda mais significativamente, fabricada para ser assim?

Estariamos perante uma situação ainda mais confusa do que simplesmente o não saber para onde ir. Seríamos enviados para a direcção *errada*, acreditando que o transeunte com a mitra ou o microscópio sabia do que estava a falar.

Hoje existe um entendimento crescente de que os nossos mapas estão fora de validade e que os temos lido de forma errada. Ou então, tivemos o trabalho feito *por nós*, por agentes, muitas vezes até sem o seu conhecimento, de um sistema que pode apenas existir mantendo-nos na ignorância das coordenadas que nos levarão para casa. Alguém tem andado a mexer nos sinais de trânsito para nos confundir e controlar e este livro foi projectado para ser um guia de quem nós somos, onde estamos e de como alguns estão a manipular a nossa vida quotidiana a um certo nível e com um fim, que até os pedintes acreditam.

A partir daqui, tudo o resto virá e o que parecia até agora ser um mundo louco, desconcertante e inexplicável, irá ser focado.

O mundo parece louco porque temos estado a olhar para ele do ângulo errado. Olhem para ele de um outro ângulo e..." uau, *então* é isto que se passa!"

Em primeiro lugar, ponto chave número um: Quem somos?

Se se perguntar à maioria das pessoas quem são, teremos provavelmente uma resposta do género: "Sou o Joe Bloggs, empregado de escritório da Tooting em Londres. Sou casado e tenho três filhos. Gosto de futebol e de jardinagem e gostaria de visitar o meu irmão na Austrália". Ouvimos sempre este tipo de resposta de pessoas que vão a programas de televisão e que são convidadas a "falar sobre si". As pessoas identificam-se com o seu emprego, salário, gostos e também aquilo a que chamariamos a sua personalidade – "gosto de me divertir"; "gostaria de estar em casa e ter uma vida sossegada", ou qualquer coisa do género. Mas outro "e se"? E se dissermos que nós, a nossa personalidade e até o nosso sexo não somos, de todo, nós? E se estas são todas expressões de um programa informático? Pensaríamos que seria loucura se perguntassem a um astronauta quem ele é e ele começasse a contar os pormenores do seu fato espacial: "Sou um fato da Nasa, um Mark III, nascido nos anos 90. Tenho um tronco rígido, sistemas de movimentação das ancas, rolamentos nos ombros e junções de abdução na cintura e quadril. Tenho a capacidade de aguentar a pressurização em 0.56 atmosferas e gostaria de visitar o meu irmão na Estação Espacial Internacional". Diríamos que este astronauta já teria sofrido bastante com a pressurização. O que é que este doido está a fazer ao identificar-se como sendo o seu fato espacial? Ele precisa mesmo de ajuda e rapidamente. Sim, precisa mesmo, mas não está sozinho, está?

Os seres humanos fazem exactamente a mesma coisa. Acreditamos que somos o nosso fato espacial e se acreditarmos em tal, então perdemos todo o enredo. Como poderia um astronauta trabalhar se pensasse que era o seu fato espacial? Haveria caos e confusão a uma larga escala, correcto? Como poderia ser de outra maneira?

Então, a primeira revelação no caminho para a liberdade: não somos o nosso corpo, é um computador biológico fantástico que estamos a usar para vivermos esta realidade. É um veículo, um meio, não é um "nós", ou "eu". Então, é o nosso corpo. Não somos o nosso corpo, somos *Consciência Infinita*, o Tudo o que Existe, um campo de energia que há dentro de todos os mundos e em mundo algum.

A única diferença é o nível de consciência, de que somos Tudo o que Existe. Quanto maior for a consciência disso, mais teremos acesso ao nível de conhecimento e percepção; mais pensaremos como um ser individual e à parte de tudo o resto, mais nos desligaremos do Ser Infinito que na verdade somos. Vivemos num reino de divisão e distância, porque nos esquecemos e fomos manipulados para esquecer a nossa verdadeira e infinita natureza.

Albert Einstein descreveu a realidade como sendo uma "uma ilusão, embora persistente" e disse:

"Um ser humano é parte do todo, por nós denominado de Universo, uma parte limitada no tempo e espaço. Ele experiencia-se a si próprio, os seus pensamentos e sente-se algo separado do resto, um género de ilusão de óptica da sua consciência. A ilusão é um tipo de prisão, que limita os nossos desejos pessoais e afecto e restringe a pessoas que estão perto de nós. A nossa tarefa será libertar-nos desta prisão, alargando o nosso círculo de compaixão, de modo a que consigamos abraçar todos os seres vivos e toda a natureza, na sua beleza".

Mais ainda, para abraçarmos o facto de que somos Consciência Infinita, ou o que eu chamaria *Consciência Infinita*. Este é um nível de consciência que *sabe que é tudo*. É o todo auto-consciente. Pensem na diferença entre uma gota de água e o oceano; a gota simboliza o sentido de divisão, o eu individual, desligado de tudo o resto. É como quando nos identificamos como "Bill Bloggs" ou "Ethel Jones". Mas coloquem a gota novamente no oceano e então, onde é que termina o oceano e começa a gota?

Não existe um início nem um fim, nem Alpha ou Omega, porque tudo é Um. A esse nível, não existe um "nós", apenas um Infinito "Eu". Uma parte daquele oceano pode ser calma e pacífica e outra parte pode estar zangada, mas mesmo assim, é o mesmo oceano, a mesma "Unidade". Somos sempre o oceano, a Consciência Infinita e não nos podemos literalmente, desligar dele. No entanto, quando nos esquecemos de quem somos, podemos ficar confusos e ser levados por um sentido de divisão e pensar que somos a gota e então entendemos a realidade através da pequena lente criada nas nossas mentes.

Esta lente entende aquilo em que acredita e manifesta-se através de uma experiência que vai de encontro à crença. Pensem pequeno e são pequenos, mesmo sendo uma Possibilidade Infinita. Esta é a situação daquilo a que chamamos Humanidade. Somos o oceano, a Consciência Infinita, mas acreditamos que temos pouco poder, que somos apenas uma gota insignificante. Identificamo-nos como divisão e "partes", não como unidade. Isto aconteceu devido à manipulação massiva do nosso sentido de realidade, que nos levou a identificar o "Eu" com o computador biológico a que chamamos o nosso corpo.

Observem quantas religiões afirmam que é blasfemo dizer que somos o Todo, ou seja, aquilo a que eles chamam de "Deus". Não podemos dizer que somos "Deus"; temos de ser humildes e aceitar que somos os pecadores submissos que devemos temer o Poderoso – eles. Habituemo-nos a ser insignificantes,

porque apenas se os homens de batina disserem palavras agradáveis por nós, temos hipótese de evitar o tipo da forquilha. Este disparate foi dito por aqueles que controlam as religiões (não os subordinados programados, de chapéus esquisitos), para nos prender no nível informático da percepção, o nível em que somos facilmente conduzidos como um rebanho. Ouçam a linguagem da religião – “O Senhor é o nosso pastor e nós fazemos parte do rebanho”. Chamo aos que estão presos à realidade do corpo-informático “inconscientes” e aos que têm a consciência do grande todo, conscientes. Na verdade tudo é consciente; apenas o nível de consciência é diferente, mas utilizarei os termos “consciente” e “inconsciente” para que se mantenha o mais simples possível. Por esta definição, quase toda a população é inconsciente, porque se identificam através do seu corpo-informático (*Figura 1*). Felizmente estamos num ponto de viragem, em que tudo isto está a começar a mudar.

A Realidade do Computador

Um computador biológico é muitas vezes descrito como um computador “animado”; biológico é definido como o “pertencer à vida e às coisas vivas”. É um computador que consegue arranjar soluções sem ter lhe de ser dito como o fazer. Estes estão agora a ser desenvolvidos em todo o mundo, embora, naturalmente, não passem de apenas alguns grãos comparados com o computador que é o corpo humano.

Mesmo assim, o princípio é o mesmo.

O professor Bill Ditto está a liderar a pesquisa sobre o computador biológico no Instituto de Tecnologia da Geórgia. Ele diz: “Computadores normais necessitam sempre de informação absolutamente correcta, para que possam fornecer a resposta certa. Esperamos que um computador biológico consiga chegar à resposta correcta baseado em apenas informação parcial, preenchendo as lacunas que faltam, sozinho”. Colocando o assunto de uma forma mais simples, os computadores biológicos têm a capacidade de, até certo ponto, pensarem por eles próprios. Isto é a verdade do corpo, numa escala mais avançada e o problema é que estamos a permitir que pensem por nós também. Fomos enganados, ficando com a ilusão de que o corpo é quem nós somos e por isso acreditamos que todos os pensamentos e emoções do corpo-informático são nossos.

Mas não necessariamente. Na verdade, se estivermos a falar em níveis mais

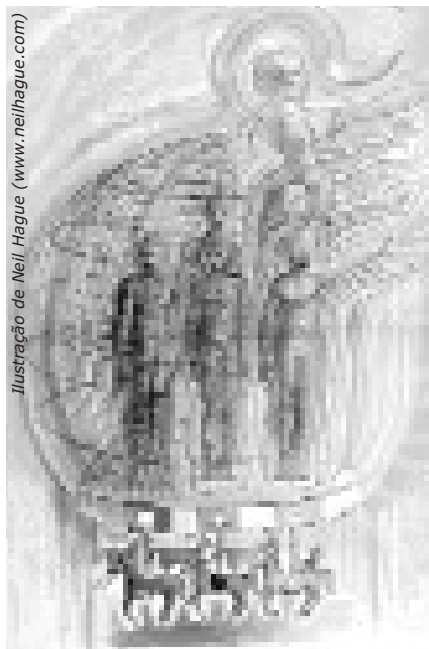


Figura 1: Humanos no carrocel. A maioria das pessoas estão a operar ao nível informático da realidade; outras são mais conscientes, mas ainda presas à ilusão; e outras estão conscientemente ligadas a Consciência Infinita.